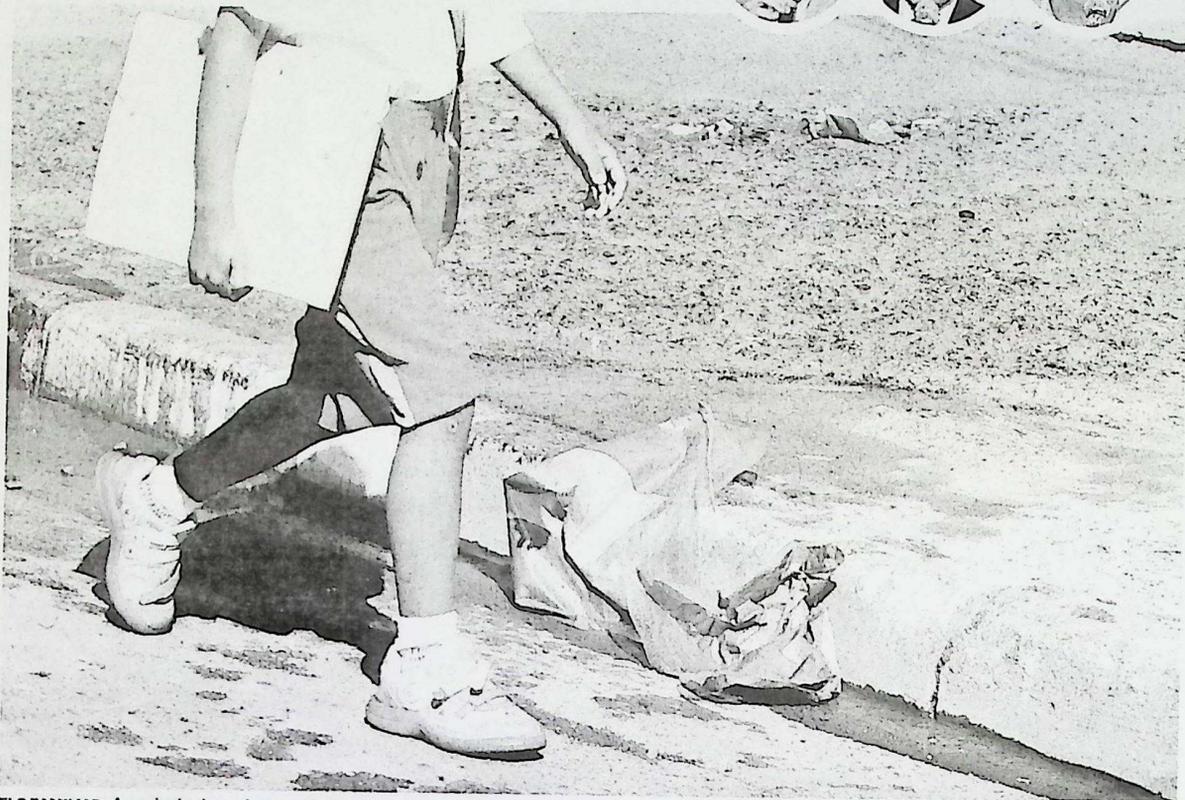


O debate



ELO FAMILIAR - A maioria das crianças deixa a 4a. série sem ler direito. Filhos de mães escolarizadas tendem a se sair melhor.

SERGIO CASTRO/ZE

dade de tentar, estudar de novo. O essencial é a sociedade saber se essa pessoa adquiriu, em sua formação, as qualificações associadas a esse grau escolar. Assim como há supletivo hoje, elas provavelmente terão algum tipo de curso extra, para estudar e mostrar publicamente que adquiriram as competências exigidas. Só isso.

Ese elas não têm essa competência porque não lhes foi oferecida?

GIANNETTI - Isso reflete uma preocupação com a imagem de quem não passa. Se você tem um problema, uma doença, vai passar a vida inteira fingindo que não tem? Ninguém se livra da febre quebrando o termômetro. Nada resolve o sujeito deixar de ir ao médico porque não quer saber da doença.

Já temos a Prova Brasil, que começou este ano e mostra escola por escola. Vão mudando os nomes, o Saeb vira Neb, o Enad é o antigoprovão... Não é exame demais?

GIANNETTI - O meu exame é para acabar com todos os exames. É diferente do provão, que mostrava a qualidade da faculdade. É lógico que a resistência corporativista é monumental, é por isso que não sou político. O que o professorado mais teme no mundo é que o resultado de seu trabalho seja publicamente aferido. Mas a sociedade tem o direito de saber disso. É uma coisa que vai fazer diferença na vida de uma pessoa.

GROPPIA - A mim, isso parece um afã controlador, que não controla. Esse é o segredo da questão educacional, a gente não consegue chegar lá na ponta. A rigor, temos leis espetaculares no País. Veja o exemplo do Estatuto da Criança e do Adolescente. Se entendo o trabalho educativo como uma prática eminentemente social, não acho que deva ser regulado por prescrições normativas o tempo todo. Não é desse calibre a saída que imagino para a questão educacional.

Professor Groppa, o sr. tem um estudo contrapondo violência e autoridade no contexto escolar. A gente escuta falar de violência na periferia, o noticiário às vezes é assustador. Mas houve, há uns dois anos, o episódio de uma tradicionalíssima escola de São Paulo em que os alunos se despediram do curso deprimindo o prédio. Então, a questão não é só a violência do pobre?

O Brasil tem o direito de saber que o sistema é ruim

Em quase três horas de debate, um diagnóstico das falhas da nossa educação e do valor das soluções apresentadas

As exposições dos três especialistas, apresentadas nas páginas anteriores, foram seguidas de um debate entre eles, os participantes da mesa e o auditório. Durante cerca de três horas vieram à luz temas como progresso continuado, ProUni, carreira dos professores, limites entre disciplina e autoritarismo nas escolas e fórmulas de avaliação dos alunos. Neste último

item, despertou polêmica a proposta de Eduardo Giannetti da Fonseca sobre um exame nacional obrigatório para que o aluno do ensino fundamental receba seu diploma. A seguir, alguns dos principais momentos dessas discussões.

Professor Giannetti, a sua idéia de uma prova nacional para aferir conhecimentos no ensino fundamental suscita dúvidas. Se você não confere o diploma, num país com um ensino fundamental tão deficitário, não estará criando uma geração de párias no ensino?

GIANNETTI - Não acredito que essa prova de aferição vá criar párias, os párias já existem. O

que essa avaliação vai fazer é mostrar isso para a sociedade. Não se cria uma nova situação. A prova apenas nos dará a oportunidade de olhar de frente uma situação que não queremos encarar. Qualquer esperança de avanço, a meu ver, depende desse passo doloroso. E a escola vai ser exposta: se ela dispõe de recursos e não tem uma média razoável de aprovados, há algo errado, que ela precisa corrigir.

E o que aconteceria com essas crianças reprovadas? Não estariam sendo penalizadas?

GIANNETTI - Não, é lógico que elas deverão ter toda oportuni-

‘O exame que proponho é para acabar com todos os demais. A sociedade deve saber se o aluno tem a qualificação exigida em seu grau escolar’
Eduardo Giannetti

O debate



Claudio de Moura e Castro

‘Qual a grande estrela do ensino público brasileiro? A pós-graduação. E por que ela funciona? Porque tem puxão de orelha e prêmio’

‘Sou um babaca que acredita no método científico, em velha guarda’

qualquer privilégio ou vantagem, partiram de condições comuns da sociedade e, em uma ou duas gerações, aparece essa diferença. O que há por trás disso? Temos duas explicações básicas: ou é genético, e creio que não é, ou é a estrutura familiar.

Essas famílias têm um tipo de suporte, de estímulo e de pressão que leva a outro tipo de atitude no processo educacional. Na Califórnia é parecido, eles são 9,5% da população e ocupam 36% das vagas na universidade, mais que os brancos. Os latinos, que são 26% da população lá, preenchem 13% das vagas. Acho que a resposta para isso é, fundamentalmente, a pré-escola. Já que não há como mexer na estrutura familiar, pois isso não faz parte das políticas públicas, é necessário compensar a desvantagem da estrutura familiar com uma pré-escola que reforce e prepare para entrar no primeiro grau. Digase de passagem que, hoje, 40% dos alunos repetem o primeiro ano do primeiro grau.

Seria o caso de pensar em ter filoso-



Eduardo Giannetti da Fonseca

‘O que o professorado mais teme no mundo é que o resultado de seu trabalho seja publicamente aferido’

‘Há no Estado de São Paulo 1,8% de descendentes de asiáticos, e eles ocupam 13% das vagas’

fia religiosa na grade curricular?

CASTRO - Depois que se separou a Igreja do Estado, não cabe propor medidas como o ensino religioso nas escolas.

GROPPA - Quero me manifestar sobre esse tema. Fiquemos tranquilos, as escolas já estão tendo um amplo movimento de deslaicização do ensino. Como elas não acham mais importante a matemática, o português, etc., já se ensina aos alunos a rezar com a Bíblia, o Alcorão, as rezas orixás, isso já está em curso. Nem precisamos mais querer religião na escola, isso já venceu. E, na questão anterior, o fato é que a democratização escolar tem três eixos complementares - o acesso, a permanência e a aprendizagem. Estamos ainda no meio da discussão sobre a democratização da permanência. Ainda estamos distantes de debater a democratização da aprendizagem. Mas insisto em que o problema não são as bordas, elas estão o.k., o problema é com o interior da vida escolar, os fazeres escolares.



Julio Groppa Aquino

‘As escolas de periferia, se bem pactuadas com o seu entorno, em geral são bem cuidadas. Mas toda escola é uma caixa de ressonância da sociedade’

‘Estamos longe de discutir a democratização do processo de aprendizagem’

Qual é a avaliação de vocês sobre a ação do governo brasileiro quanto à educação nos últimos 40 anos?

CASTRO - Primeiro, falemos do governo militar. Quando olhamos a educação no Brasil, o que vemos não é o peso deste ou daquele governo, é a inércia da cultura brasileira, que nunca deu atenção à educação. Isso vem de séculos. As estatísticas sobre educação não mudam no regime militar, projeta-se tudo e continua igualzinho - antes, durante e depois dos militares. Não houve uma intervenção que mudasse a direção do sistema durante o regime militar, a não ser na expansão da universidade pública e na criação da pesquisa de pós-graduação. Quanto ao governo Lula, acho que a única prioridade neste momento é a qualidade do ensino básico, do ensino fundamental e em seguida do médio. Como nenhum dos ministros do presente governo afirmou que essa é a prioridade, o meu julgamento está dito.

GIANNETTI - Queria comentar

sobre um caso muito interessante, o da Coreia do Sul. Na década de 60, esse país tinha um nível de renda e uma taxa de escolaridade igual ou pior que a do Brasil. De lá para cá, ele fez um trabalho magnífico. Hoje, nos exames do Pisa (*Program for International Student Assessment*), os sul-coreanos saem na frente dos alemães e americanos em matemática - e com classes maiores, professores que recebem menos e sem equipamento sofisticado. Mas há duas diferenças fundamentais em relação ao Brasil. A primeira é que a Coreia do Sul não viveu a explosão demográfica pela qual o Brasil passou no pós-guerra. O País triplicou sua população, saímos de 50 milhões para 150 milhões, em 45 anos. Os efeitos disso foram enormes. Fizemos o *laissez-faire* demográfico, o resultado está aí. Explodiu, em curto espaço de tempo, o contingente de crianças e jovens que precisa de investimento e não o teve.

A outra diferença, que já foi mencionada, é a da estrutura familiar, que não é apenas afetiva, mas tem um elemento de coesão. Isso é uma herança cultural, é capital humano que eles têm e que, infelizmente, nós aqui não temos. O que sabemos, empiricamente, é que a escolaridade da mãe é uma variável de primeira ordem no desempenho escolar. A recomendação que sai daí é a seguinte: concentrar recursos na pré-escola especialmente para aquelas crianças que têm mãe com baixa escolaridade e uma estrutura familiar deficiente do ponto de vista educacional.

Falou-se dos índices escandalosos de analfabetismo funcional no Brasil. Estamos em plena discussão sobre métodos de alfabetização. Afinal, qual é o melhor método? O fonico ou o chamado método global?

CASTRO - Inicialmente, sou um babaca desses que acredita no método científico, em velha guarda, aquelas coisas. Quando a gente fala no método global, no qual se aprende a ler a frase inteira, ou no método fonico, no qual se começa com a letra e com as vogais, em primeiro lugar tudo indica que, para a classe média, não interessa o método. Na casa, a tradição é que se aprende sozinho, se aprende com a empregada, na televisão, ou já se chega sabendo. O problema do método existe para o aluno mais pobre. Há uns anos, dada a predominância do método global sobretudo na Inglaterra

GROPPA - As escolas de periferia, se bem pactuadas com seu entorno, são protegidíssimas, em geral cuidadas. Mas, de uma maneira ou de outra, a escola é uma caixa de ressonância dos movimentos da sociedade. Em geral, elas tão-somente acolhem esses atos violentos, que não são gerados internamente. O que é gerado internamente - e alguns autores chamam de violência simbólica - tem a ver com humilhação, com uma relação tensa. Isso remete ao que falei antes, sobre a esgarçada dos vínculos entre professor e aluno, essa desritualização radical das práticas da sala de aula.

O projeto de valorização do magistério, desenvolvido no governo anterior, já teve algum resultado?

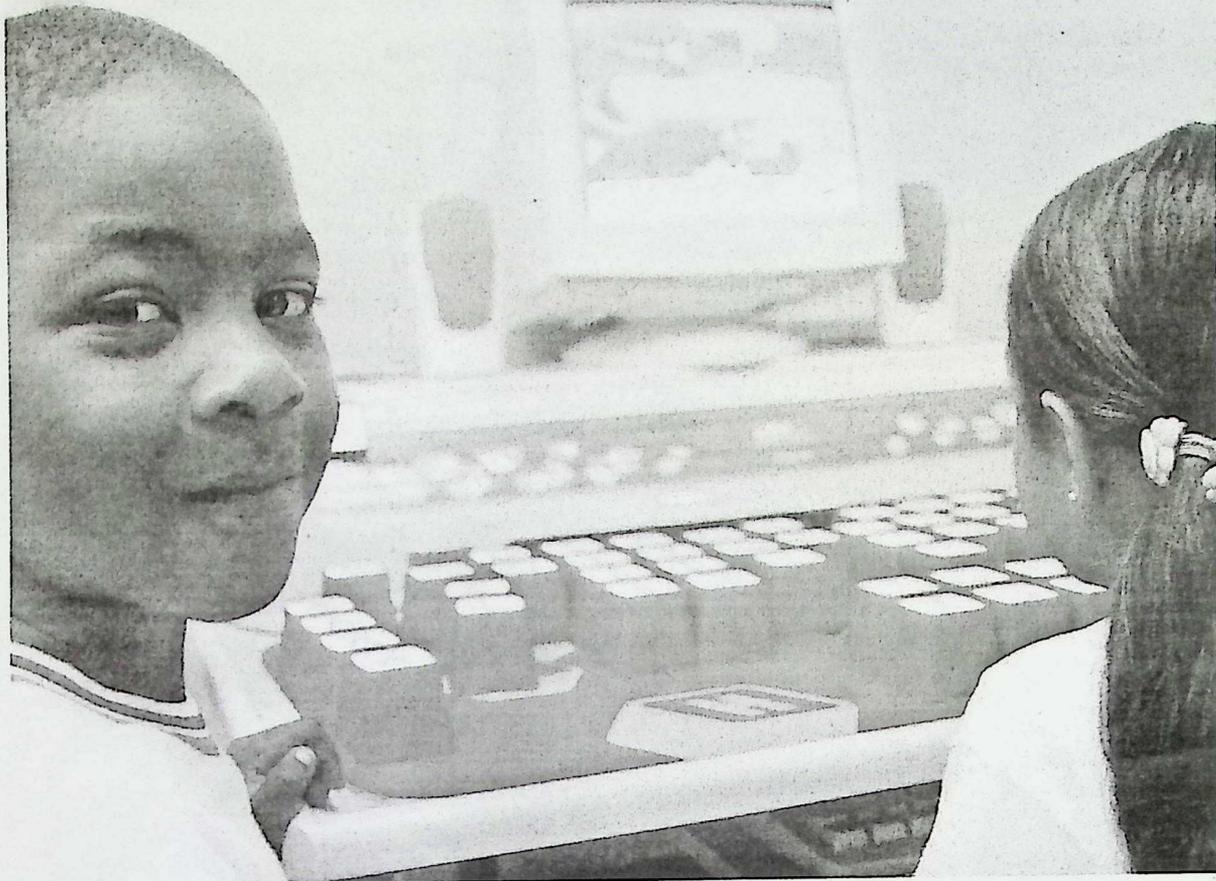
CASTRO - Qual é a grande estrela do ensino público brasileiro? A pós-graduação, que é brilhante, talvez a melhor do Terceiro Mundo. É por que ela funciona bem? Porque, ao mesmo tempo, tem puxão de orelha e prêmio para professor. Então, o MEC dá o exemplo de uma pós-graduação de excelente qualidade e padrão internacional. Agora, se no ensino fundamental e médio é extraordinariamente difícil puxar a orelha e premiar, isso não pode ser boa coisa.

Qual é a importância da família no desempenho escolar das crianças?

GIANNETTI - É enorme. E há uma questão que pode ter um impacto relevante: a da maturidade precoce. Em 1998 foi feito um levantamento no SUS sobre partos de mães abaixo dos 19 anos. Houve naquele ano 698.439 partos dessas jovens, cerca de 2 mil por dia no País! E foi um ano normal. Essas crianças, de mães de baixa escolaridade, terão muita dificuldade para estudar e ter um desempenho adequado. Uma boa política de planejamento familiar, ao longo do tempo, ajuda.

E qual o peso, nesse processo, da autoridade em casa?

GIANNETTI - Existe um dado que me impressiona nesse sentido. No Brasil, há na população do Estado de São Paulo 1,8% de descendentes de asiáticos, que ocupam 13% das vagas na Fuvest. Eles vieram para cá sem



COMPUTADOR EM ESCOLA - Debatedores dizem que a tecnologia não fará milagres. Seu valor é apenas complementar

ARI PALETA/ABC REPÓRTER

ra, na França e nos Estados Unidos, houve uma controvérsia grande. Então, fizeram a seleção de todas as pesquisas existentes, comparando um método com o outro. Partiram de 30 mil, eliminaram todas aquelas que não eram à prova de bala do ponto de vista metodológico e se terminou com umas 30 pesquisas, consideradas acima de qualquer suspeita metodológica.

E o que diziam essas pesquisas?

CASTRO - Saiu que havia oito métodos competindo para ver qual seria o mais eficiente na alfabetização. Nenhum deles era o global, ou seja, o global saiu de cena, e desses oito a busca se reduziu a dois - um era se você deve começar com um garrancho e passar para o som, o outro era se você começa com som e passa para o garrancho. Como resultado, virtualmente todos os países da Europa e os Estados Unidos mudaram com armas e bagagens para o método

fônico. "O vovô viu a uva" é o avô do fônico de hoje, a consequência de uma série de avanços do ponto de vista metodológico. Então, para um cara que acredita no método científico, não posso entender que exista qualquer dúvida. Agora, há uma controvérsia entre o fônico com historinha, o fônico chamado com construtivismo e o fônico puro. No fônico puro se aprendem as letras, as palavras, se aprende a escrever. E o fônico com historinha tem uma certa inspiração de Paulo Freire, é uma contextualização do mundo para motivar mais os alunos. Eu acredito que não temos uma base segura para distinguir entre um e outro, para dizer se um ou outro é melhor. A suspeita é a de que o fônico sem historinha seja o melhor.

O que os r. entendem por método científico?

CASTRO - Falo de pesquisas que têm grupos de controle,

com a escolha aleatória de quem vai ser avaliado, que medem o resultado do processo antes e depois. É o convencional do método científico.

Mas, para aprender a ler, a memória é fundamental. O que já se avançou na pesquisa em torno de memorização?

CASTRO - Há uma pesquisa muito curiosa. Na verdade, não é uma, são muitas, que se somam e que dizem o seguinte: a memória de curto prazo é aquela da ordem de 10 a 15 segundos; a sentença típica tem uma média de dez palavras. Então, quem lê uma palavra por segundo chega no fim da frase ainda lembrando a primeira palavra. Quem lê menos do que isso já esqueceu a primeira palavra, então tem que ler de novo, o que causa frustração.

Portanto, a leitura requer velocidade, e velocidade você aprende no passo a passo. Isso confirma essa pesquisa sobre a

eficácia do fônico. Sabemos que há uma correlação muito grande entre o êxito na leitura nas primeiras séries e o êxito em tudo o que vem depois. O que vem de início é simplesmente o aprendizado de uma técnica. Não é educação, é aprender a técnica. É como aprender qual é o pedal do freio e qual é o da embreagem. Não significa que se aprendeu a dirigir. Depois começa a educação, mas nesse princípio tem que ter essa mecanização de processos.

Ao afirmar que saímos de uma escola da palmatória e que devemos instalar uma avaliação frequente, penso se o ideal para a educação brasileira é a instalação da sociedade de controle. Parece-me que o nosso debate não está levando em conta que temos uma nova sociedade, que essa sociedade tem um sujeito que não responde mais aos parâmetros da sociedade anterior. Nesse sentido, parece-me um debate saudosista.

CASTRO - Morei seis anos na Suíça e na França, oito anos nos Estados Unidos, muito próximo do sistema educacional, e vi duas coisas. Primeiro, que os sistemas educacionais avaliam cada vez com mais frequência. Segundo, eles devem ter sido submetidos a um sistema de lavagem cerebral tão profundo que ninguém lá descobriu que eles estão vivendo numa sociedade... como é que se chama? Ah, de controle.

Como não investimos na educação de base, qual é o prognóstico do ProUni para daqui a dez anos?

GIANNETTI - Nunca estudei de perto o ProUni, mas sei que temos duas atitudes a evitar. Uma é a voluntarista, de achar que tudo é uma questão de vontade, achar que com uma grande medida os problemas vão magicamente se resolver. Não vão. Aliás, no campo educacional, recaímos muitas vezes nessa crença de que os CIEPs, CIACs ou CEUs nos trarão a resposta. Não trarão. Mas temos de nos precaver também contra a atitude fatalista - essa de achar que nada resolve, que tudo vai continuar como é. Não vejo isso como uma conspiração de elites. Elas conspiraram tanto para isso quanto conspiraram contra o saneamento básico ou para a hiperinflação que tivemos no passado. É um problema de deformação cultural histórica, de raízes profundas. Acho que a sociedade brasileira está lentamente despertando para a centralidade da questão educacional.

CASTRO - Sobre o ProUni, o que aconteceu nos últimos 10 ou 12 anos? O ensino médio triplicou. Ao triplicar, recebeu principalmente alunos de origem mais modesta. Assim, chega ao limiar do ensino superior um grupo, uma camada de alunos que mal conseguiu atingir o nível de proficiência necessário para passar de ano e se formar no médio. O que o ProUni está fazendo é permitir a essa nova camada que tenha acesso ao ensino superior. E a informação que se tem, ainda pouco trabalhada, é que o aluno típico do ProUni não é pior do que aqueles alunos "mais ou menos" que estão entrando no superior. Portanto, o ProUni não vai puxar a qualidade do ensino para baixo. •

Edição: Gabriel Manzano Filho